



miguilim

VOLUME 13, NÚMERO 1 | JAN-ABR 2024

DESEJO, SEXUALIDADE E SUJEIÇÃO EM *O JOVEM TÖRLESS*, DE ROBERT MUSIL



DESIRE, SEXUALITY AND SUBJECTION IN ROBERT MUSIL'S *YOUNG TÖRLESS*

Bruno dos Santos KONKEWICZ
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul,
Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | AUTORIA
RECEBIDO EM 07/09/2023 • APROVADO EM 22/04/2024
DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v13i1.1091>

Resumo

Este artigo desenvolve um estudo acerca do romance do escritor austríaco Robert Musil, *O jovem Törless*, publicado em 1906. Para tanto, abordar-se-ão obras das áreas da teoria da literatura, filosofia e teoria queer, abarcando as noções de identidade, desejo, sexualidade e sujeição. O aporte teórico compreende autores como Michel Foucault, Judith Butler, Eve Sedgwick e Jeffrey Meyers. Objetiva-se articular uma análise da obra de Musil, visando verificar como o processo de construção da identidade de Törless e o desejo homossexual são abordados no romance. Há, neste, o uso da figura de linguagem da preterição como recurso retórico em referência ao desejo homossexual, bem como a afirmação da identidade do protagonista através do mecanismo da dupla negação.

Abstract

The present article consists of a study on Robert Musil's novel *Young Törless*, published in 1906. Theoretical works from the fields of literary theory, philosophy and queer theory will be addressed, as well as the concepts of identity, desire, sexuality, and subjection. The article draws upon contributions of authors such as Michel Foucault, Judith Butler, Eve Sedgwick, and Jeffrey Meyers. Its main objective is to conduct an analysis of Musil's novel, with the aim of addressing how Törless' process of identity formation and homosexual desire are approached in the novel. It is argued that preterition is used as a rhetorical resource to refer to homosexual desire in the novel, and that Törless defines his identity through a double negation mechanism.

Entradas para indexação

Palavras-chave: Literatura austríaca. Homossexualidade. Teoria queer. Teoria literária.

Keywords: Austrian literature. Homosexuality. Queer theory. Literary theory.

Texto integral

Considerações iniciais

Em *Homosexuality and literature: 1890-1930*, o crítico literário americano Jeffrey Meyers (1977) se propõe a discutir e analisar obras literárias que abordem, implícita ou explicitamente, o amor homossexual. Citando exemplos amplamente conhecidos, como *O retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde, e *Morte em Veneza*, de Thomas Mann, Meyers (1977) se debruça sobre obras que não atingiram o grande público literato europeu da época – e, dentre elas, o primeiro romance do escritor austríaco Robert Musil, *O jovem Törless*, publicado em 1906.

Em *O jovem Törless*, acompanhamos o desabrochar intelectual e sexual de Törless, jovem adolescente de família burguesa, entre as quatro paredes de um internato militar e religioso alemão, voltado exclusivamente à educação de rapazes, durante a primeira década do século XX. Por meio de um narrador onisciente, o leitor obtém acesso aos pensamentos e sentimentos mais íntimos do protagonista. Espécie de *Bildungsroman* às avessas, o primeiro romance de Musil compreende a descoberta da sexualidade por parte de um personagem cuja identidade ainda não apresenta contornos bem delineados – conforme ressalta o próprio narrador onisciente da obra, Törless, de início, aparentava não ter uma personalidade. Em vez de se resolver, a confusão identitária do protagonista parece se intensificar conforme o desenlace do romance.

A obra conduz o leitor a percorrer os confins do tortuoso trajeto psicológico de Törless pelo dédalo da sexualidade adolescente. Não seria forçoso supor que as “confusões de Törless” – o título da obra em alemão, *Die Verwirrungen des Zöglings Törleß*, pode ser traduzido de forma literal como “as confusões do jovem Törless” – compreendem as confusões identitárias de um jovem burguês cujo adolecer se dá durante os primeiros anos do século XX.

No processo de construção de sua identidade, Törless mergulha no âmago de seu ser, buscando, por meio de leituras, associações e vivências, encontrar-se enquanto sujeito. Em meio a diversas reflexões e sensações, como um crescente fascínio pelas leis da matemática e o anseio por atingir a essência do infinito, são apresentados os desejos homoeróticos do protagonista, direcionados, em

particular, a Basini, um de seus colegas de quarto. Em sua tese, intitulada “The significance of homosocial desire in modern German literature”, Craig Bernard Palmer (1997) salienta que o período da modernidade alemã, que compreende o início do século XX à época do Terceiro Reich, constitui um contexto particularmente profícuo para o estudo da homossexualidade masculina na literatura, visto que sexologistas alemães haviam muito recentemente criado o conceito de “homossexualidade”.

Cumprido ressaltar que o internato no qual se dá a maior parte da ação da narrativa está alocado em uma área afastada da metrópole, na província de W., com o intuito de “proteger a juventude das influências corruptoras de uma grande cidade” (Musil, 2019, p. 10). Törless deve, portanto, conciliar aquilo que sente e reflete, os seus questionamentos internos e os seus irreconciliáveis desejos, às normas e regras sociais que lhe são impostas por um regime coercitivo e repressivo, característico da sociedade burguesa europeia do início do século XX.

Fértil receptáculo para interpretações de aceção psicanalítica, *O jovem Törless* foi previamente analisado sob o viés da Psicanálise (Rosenfeld, 2012) e da Antropologia, com ênfase no sadismo que permeia o romance (Gurski; Perrone, 2021). A obra é frequentemente comparada a outros romances de formação – e, em particular, com o brasileiro *O ateneu*, de Raul Pompéia, posto que ambos abordam temas como a homossexualidade, a violência juvenil e a educação adolescente em internatos voltados exclusivamente a rapazes (Quintale Neto, 2007). Posto isso, embora a obra tenha sido objeto de diversos trabalhos críticos, a questão da concepção e da representação da homossexualidade no romance de Musil é ainda pouco explorada.

Nessa perspectiva, *O jovem Törless* constitui um profícuo objeto de estudo, posto que passível de esclarecer a forma como o desejo homossexual foi retratado na literatura europeia do início do século XX – época na qual se firma a noção de que a prática sexual com um indivíduo do mesmo sexo delimita a identidade de um sujeito. Assim, objetiva-se, neste artigo, traçar uma análise crítica do romance à luz de aportes das áreas da teoria da literatura, da filosofia e da teoria queer, com ênfase nas noções de identidade, desejo, repressão e sujeição. Para fins de análise, serão abordadas as contribuições teóricas de autores como Michel Foucault, Judith Butler, Eve Sedgwick e David Halperin. Postula-se, ainda, que a preterição constitui uma figura de linguagem amiúde utilizada em referência implícita à homossexualidade no romance de Musil. Ademais, será considerada a premissa da formação da identidade por meio da negação de outra categoria identitária e da sujeição ao poder, conforme os postulados de Judith Butler.

Preterição e desejo homoerótico

“Sim... sim... por favor... Seria delicioso, para mim, servir você”, confessa o personagem Basini ao protagonista de *O jovem Törless* em uma de suas mais impetuosas cenas (Musil, 2019, p. 108). Não surpreende a árdua recepção do romance à época de sua publicação, tendo em vista que aborda questões tais como sadismo, homoerotismo e sexualidade adolescente. No entanto, como grande parte das obras literárias de meados do século XX que incluem a temática do desejo

homoerótico, Musil demonstra certa diligência ao tratar do tópico, amplamente tido como sensível e passível de censura, em seu romance.

De maneira oposta à afirmação de Jeffrey Meyers (1977) de que Musil não apenas faz alusões à homossexualidade, mas a descreve de maneira franca, as referências ao desejo homoerótico no romance, tanto no que concerne a Törless quanto aos seus dois amigos, Beineberg e Reiting, são construídas de forma obscura, sem que haja quaisquer menções diretas à homossexualidade. A linguagem empregada na obra parece, então, conter certa ambiguidade, um tom de “segredo”, de algo a ser velado. Tal circunstância dialoga com a afirmação da teórica americana Eve Kosofsky Sedgwick (1990) que, em *Epistemology of the closet*, postula que, já no fim do século XIX, tornou-se evidente que a noção de “conhecimento” carregava, em si, o conhecimento sobre sexo e que o significado de “segredo” se encontrava estreitamente atrelado à sexualidade. De acordo com a teórica americana, havia, então, uma sexualidade específica a ser escrutinada e acobertada: a do sujeito homossexual (Sedgwick, 1990).

Sedgwick (1990) discorre sobre o uso da preterição como uma estratégia linguística de censura, traçando um paralelo entre tal figura de linguagem e a menção implícita ao desejo homossexual. Nessa perspectiva, a homossexualidade foi, durante os séculos XIX e XX, caracterizada como algo “indizível”, “indescritível”, “o pecado que não deve ser mencionado e tampouco cometido” (Sedgwick, 1990, p. 202-3, tradução nossa). Tais crenças, amplamente alicerçadas na tradição cristã, culminaram no célebre poema “Two Loves”, escrito por Lord Alfred Douglas, amante do escritor britânico Oscar Wilde. Ao se referir, em seu poema, ao “amor que não ousa dizer o seu nome”, Douglas alude, de modo implícito, à homossexualidade – e, mais especificamente, ao fato de que a simples menção ao ato sexual entre indivíduos do mesmo sexo era amplamente condenada e silenciada (Sedgwick, 1990).

Convém ressaltar que o romance de Musil foi escrito apenas doze anos após a publicação do poema de Lord Alfred Douglas – época durante a qual indivíduos que eram tidos como homossexuais foram brutalmente perseguidos, particularmente em países da Europa, como Inglaterra e Alemanha. Não surpreende, portanto, o fato de que não há uma única menção explícita à homossexualidade em *O jovem Törless*. Não obstante, confere-se uma abundância de referências implícitas ao desejo homoerótico do personagem nas páginas do romance – e, cabe salientar, através da utilização da figura linguística da preterição.

Jorge Loureiro (2014, p. 186) caracteriza a preterição como uma figura de linguagem que “consiste em fingir calar alguma coisa que na realidade se está enunciando”. Nesse sentido, Loureiro (2014) associa o uso da preterição à tentativa de dizer o indizível, de comunicar, de modo indireto, algo que seja censurável ou proibido. Lotera Russo Monteiro (2016, p. 49) inclui, em seu trabalho “Figuras de linguagem: da retórica à aula de língua portuguesa”, outra possibilidade de definição: “figura pela qual se finge não querer falar de coisas sobre as quais se está, todavia, falando”. Assim caracterizada, a preterição pode ser compreendida como um recurso retórico cujo intuito é fazer referência a algo que não se deseja mencionar explicitamente.

Portanto, as diversas referências implícitas à homossexualidade e ao ato sexual entre dois homens são acobertadas através do uso da preterição no romance. No internato religioso, Törless dá início a um relacionamento amistoso com outros dois rapazes, Beineberg e Reiting. O protagonista nutre sentimentos ambíguos em relação a Beineberg, posto que o considera concomitantemente abjeto e esbelto. Admirando o corpo do amigo, Törless é tomado por uma “estranha má vontade”, algo que

[...] fazia um desagradável arrepio correr pela pele de Törless. Ele próprio admirou-se dessa ideia, e ficou um pouco assustado. Pois era a segunda vez nesse dia que algo sexual, inesperado e desconexo se enfiara no meio de seus pensamentos (Musil, 2019, p. 23).

As expressões “má vontade” e “desagradável arrepio”, utilizadas para caracterizar os sentimentos que se apoderam de Törless enquanto este contempla a figura de Beineberg, constituem um exemplo prototípico da utilização da preterição enquanto recurso linguístico em referência ao desejo homoerótico. Em seguida, o protagonista, tomado pela excitação, sente “uma espécie de vergonha [...], como se entre ele e Beineberg houvesse realmente acontecido alguma coisa” (Musil, 2019, p. 23). Verifica-se que a expressão “alguma coisa” caracterizaria o próprio ato homossexual com Beineberg. O protagonista se surpreende com a sua incapacidade de controlar seus pensamentos de cunho erótico, voltados, especificamente, ao corpo masculino.

Em um determinado momento da obra, Beineberg e Reiting passam a infligir torturas a outro colega, Basini, por este não ter pagado a soma de dinheiro que devia a ambos. As torturas infligidas pelos dois personagens compreendem abusos tanto psicológicos quanto físicos e sexuais. Em uma cena, Beineberg discute com Törless a possibilidade de denunciar Basini à direção da escola como punição final por seu comportamento. Contudo, julga tal possibilidade insuficiente para castigá-lo, posto que, na melhor das hipóteses,

A direção do internato [...] o expulsaria e escreveria uma longa carta ao tio dele; você sabe como essas coisas acontecem, de maneira objetiva... Excelência, seu sobrinho perdeu o controle... foi desviado... estamos lhe devolvendo o rapaz... esperamos que Vossa Excelência consiga... caminho da regeneração... por enquanto é impossível mantê-lo entre os demais... etc. etc. (Musil, 2019, p. 59).

Além da indubitável conotação reprobatória no uso de expressões como “perdeu o controle”, “foi desviado” e “caminho da regeneração” – todas referentes ao comportamento homossexual de Basini –, verifica-se, novamente, o uso da preterição como recurso linguístico para abordar a prática homoerótica. “Perder o controle” constitui uma referência ao ato de entregar-se ao desejo homossexual. O “desvio” à norma seria, nessa perspectiva, uma conduta que caracteriza uma perda de controle, conduta esta que demanda o encontro de um “caminho da regeneração”. Ademais, é digno de nota o conteúdo moral e religioso de tais expressões, bem como a condenação da prática homossexual à imoralidade e à

perversão, posto que é implicitamente à tal conduta que Beineberg se refere. Logo, depreende-se que o sujeito que pratica atos sexuais com outro do mesmo sexo é amiúde punido pelas instituições pedagógicas e religiosas, sendo ostracizado e afastado de seus semelhantes.

Outro segmento frutífero no que concerne à análise do uso da preterição como recurso linguístico compreende o momento em que Beineberg, em uma conversa com Törless, narra um episódio que ocorrera no internato alguns anos antes:

Pois é. Certa vez, durante as férias, fiquei sabendo mais sobre esse caso através de um dos garotos daquela turma. Tinham entre eles um rapazinho muito bonito, e quase todos estavam apaixonados por ele. Você conhece esse tipo de coisa, acontece todos os anos. Mas aqueles levaram a coisa longe demais (Musil, 2019, p. 55).

A referência a esse episódio e a descoberta de que Reiting e Basini mantinham relações sexuais no sótão do prédio da instituição causa uma intensa reação física em Törless, que sente “uma convulsão na garganta, como se estivesse cheia de areia” (Musil, 2019, p. 55). Embora ambígua, a expressão “levar a coisa longe demais”, empregada por Beineberg, parece constituir uma referência implícita ao ato de entregar-se à prática homossexual.

Sujeito, identidade e homossexualidade

O ato sexual entre indivíduos do mesmo sexo – e, nesse caso, rapazes – é caracterizado enquanto prática imoral e perversa no romance de Musil, circunstância que dialoga com o que afirma Michel Foucault (2017) no primeiro volume de sua *História da sexualidade* acerca das sexualidades não conformativas – isto é, aquelas que não se adequam à norma, ao casal heterossexual “legítimo”. Para o filósofo francês, o discurso de poder não apenas questiona tais sexualidades, mas as escrutina. Convém, ainda, salientar que o poder “não é uma instituição e nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada” (Foucault, 2017, p. 89).

Foucault (2017) refuta a existência de uma hipótese repressiva, segundo a qual o sexo teria sido alvo de uma aguda repressão, postulando que, ao contrário, houve, durante o século XIX, uma disseminação de discursos voltados aos saberes sexuais, uma valorização do sexo como um segredo a ser desvendado. As sociedades modernas não silenciaram os discursos sobre o sexo; antes, incitaram-no, utilizando-o como um mecanismo de poder. Não obstante, tal discurso deve ser analisado sob um viés qualitativo, e não quantitativo, posto que visa, apesar de sua amplitude e crescimento, impor e condensar práticas cuja finalidade é a procriação – logo, formas de sexualidade úteis econômica e politicamente.

No decorrer do século XVIII, houve uma acentuação da preocupação social com o sexo do colegial, a qual se intensificou gradativamente durante os dois séculos subsequentes (Foucault, 2017). Sob a égide da moral religiosa, a sexualidade adolescente se torna, então, uma questão pública, alvo de particular interesse por parte da instituição pedagógica. Assim, durante o século XIX,

estratégias e recursos discursivos se voltaram ao sexo de crianças e adolescentes, tecendo uma complexa teia de saberes, preceitos e proibições e tolhendo as práticas consideradas não conformativas. Tal vigilância não compete apenas à sexualidade infantil, mas a todas as sexualidades tidas como periféricas: a da mulher histórica, a dos criminosos, dos loucos e daqueles que “não amam o outro sexo” (Foucault, 2017, p. 43).

Sobre o romance de Musil, Meyers (1977) afirma, de modo contundente, que a tentativa de manter a juventude distante da metrópole com o objetivo de protegê-la de suas vicissitudes acaba, com efeito, malogrando: as três forças dominantes – isto é, a família, a Igreja e o exército – acabam sendo “pervertidas” no internato em que Törless se encontra. Conforme salienta Flávio Quintale Neto (2007, p. 110), a instituição, localizada em um vilarejo, em vez de constituir um local seguro para os jovens meninos que a frequentam, torna-se um ambiente “que se encarrega de corromper seus próprios alunos”.

É, de fato, justamente em tal ambiente que o protagonista se entrega aos seus desejos, calcados, em parte, em sua busca pela identidade. Seguindo o raciocínio de Foucault (2017) no que compete à identidade do sujeito, tal busca envolve intrinsecamente a suposta “descoberta” da sexualidade. E, apesar de Törless inicialmente sentir que traía a imagem dos pais ao lançar-se a pensamentos que julga vulgares, o personagem acaba, por fim, deleitando-se com suas ações.

Foucault (2017) dedica, ainda, parte de sua discussão sobre a sexualidade à concepção, durante a segunda metade do século XIX, de uma nova categoria identitária – a do homossexual. O que antes caracterizava uma prática isolada se torna, por sua vez, a configuração de uma nova identidade, uma nova forma de ser e de existir no mundo: “o sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie” (Foucault, 2017, p. 48). Conforme ressalta o teórico americano David Halperin (1998), a diferenciação entre sodomita e homossexual constitui, em última instância, uma distinção entre ato e identidade sexual.

Em seu artigo “Forgetting Foucault: Acts, Identities, and the History of Sexuality”, Halperin (1998) defende que o sexo toma, a partir da transformação da vida pessoal e social ocorrida entre o fim do século XVIII e o início do século XX, uma nova forma, uma função social e individual que passa a definir o indivíduo em sua subjetividade. A sexualidade constitui, por conseguinte, um construto social moderno. Halperin (1998) salienta o fato de que a homossexualidade foi condenada à perversão não apenas pela Lei, segundo a qual práticas sexuais com um indivíduo de mesmo sexo constituíam um crime, mas pelo discurso médico patologizante. Trata-se, portanto, de uma sexualidade desviada e perversa, que deve ser evitada e afastada a qualquer custo.

Semelhantemente, o jornalista e escritor Eric Berkowitz (2013) afirma que após o julgamento e a condenação do escritor Oscar Wilde por crime de “flagrante indecência”, a imagem do indivíduo homossexual enquanto ser abjeto e predatório passou a fazer parte do imaginário popular, circunstância que despertou o medo e o ódio em relação ao sujeito homossexual em todas as esferas da sociedade. Tais sentimentos são incorporados por Törless, que parece se encontrar em um estado de constante vigilância, tentando controlar seus pensamentos e desejos homoeróticos – e, particularmente, no que concerne a Basini, visto que o

protagonista “não conseguia livrar-se de certa ternura” em relação ao colega de quarto (Musil, 2019, p. 109).

Cabe, ainda, salientar um excerto do romance de Musil, no qual Törless, logo antes de adormecer, mergulha em seus devaneios e recorda que, quando pequeno, desejava ser uma menina:

Quando ele era bem pequeno — sim, sim, fora naquele tempo — e ainda usava vestidinhos, e não ia à escola, havia momentos em que um indizível desejo de ser menina o dominava. E também esse desejo não ficava na mente — oh, não, nem no coração —, era algo que fazia cócegas no corpo todo e disparava por baixo da pele. Sim, havia instantes em que se sentia tão vivamente como uma menina que pensava não poder ser diferente. Pois, naquele tempo, Törless nada sabia sobre o significado das diferenças físicas, nem entendia por que todo mundo lhe dizia que precisava ser sempre menino. E quando lhe perguntavam por que achava que era menina, sentia que era impossível explicar seus sentimentos em palavras... Nesse momento, pela primeira vez voltava a sentir algo parecido, disparando ao longo do corpo, por baixo da pele. Algo que parecia acontecer simultaneamente no corpo e na alma. Um frêmito apressado, mil vezes multiplicado, como veludas antenas de borboletas que tocassem seu corpo (Musil, 2019, p. 87-8).

Devido à inocência e à imaturidade características da infância, Törless não compreendia “por que todo mundo lhe dizia que precisava ser sempre menino” e tampouco sabia “explicar seus sentimentos em palavras”. A partir desse trecho, faz-se possível traçar uma linha associativa entre aquilo que Foucault (2017) afirma sobre a *scientia sexualis* do século XIX, segundo a qual a homossexualidade seria uma espécie de “hermafroditismo da alma”, uma “androgínia interior”, e a preocupação social com os sentimentos experienciados pelo protagonista do romance, particularmente no que concerne à família.

No excerto acima, verificamos como o protagonista questiona, indiretamente, a ordem normativa de gênero, a vigilância no que diz respeito à sexualidade e a identidade da criança que, por sua vez, ainda não compreende o papel do sistema de normatização de gênero na construção de sua própria identidade. Arriscamo-nos, ainda, a considerar que a problematização de tais sentimentos – isto é, de sentir-se tomado pelo desejo de desempenhar o papel social associado ao outro gênero – é fruto de uma ordem normativa, que busca neutralizar os desejos e os sentimentos que não estão de acordo com a norma imposta pelos discursos de poder. Törless não escapa à imposição de tal normatividade, posto que, apesar de eventualmente dar vazão ao seu desejo homoerótico, se autocensura e apenas consegue entregar-se ao ato homossexual quando nega, para si, que isso defina sua personalidade, cujos contornos ainda lhe parecem incertos.

A construção da identidade pela negativa em *O jovem Törless*

Em conformidade com as considerações de Foucault, Sedgwick (1990) afirma que, a partir do século XIX, a sexualidade de todo e qualquer indivíduo

passa a ser necessariamente classificável a partir de um regime binário: homo ou heterossexual. O que distingue essas duas categorias é justamente a escolha do objeto sexual – escolha que encerra as supostamente estáveis delimitações da sexualidade individual.

Sedgwick (1990) argumenta que, entre a segunda metade do século XIX e meados do século XX, houve uma superprodução de discursos sobre o sexo. O principal objetivo de tais discursos era de identificar e nomear essa nova forma de ser, de encarcerá-la em uma nova categoria identitária. Daí advém o que Foucault (2017) designa sob a expressão “uma nova espécie” – que seria, nesse caso, o sujeito homossexual. Para Sedgwick (1990), tal projeto, em sua ânsia por distinguir sujeitos, foi profícuo a ponto de dar origem a outra nova categoria identitária: a do sujeito heterossexual. Nesse sentido, a heterossexualidade é constituída pela negação do desejo homossexual, posto que sua existência e normatização dependem desta.

Também recorrendo aos escritos de Foucault, a filósofa e teórica queer Judith Butler (2019), em *A vida psíquica do poder*, apresenta um argumento semelhante ao de Sedgwick, afirmando que a origem do sujeito heterossexual se dá através de uma dupla negação:

A fórmula “eu nunca amei” alguém do mesmo gênero e “eu jamais perdi” uma pessoa assim firma o “eu” no lugar do “nunca-jamais” desse amor e dessa perda. De fato, a realização ontológica do “ser” heterossexual tem sua origem atribuída a essa dupla negação, que forma sua melancolia constitutiva, uma perda enfática e irreversível que forma a base tênue desse “ser” (Butler, 2019, p. 32).

Que o sujeito simultaneamente exerça e se submeta ao poder, que o poder constitua, por sua vez, o sujeito, e determine “a própria condição de sua existência e a trajetória de seu desejo” são as principais premissas da filósofa americana para caracterizar o processo de sujeição (Butler, 2019, p. 10). Logo, há uma espécie de interiorização dos termos do poder por parte do indivíduo. No entanto, a sujeição não concerne apenas à subordinação do indivíduo perante o poder, mas o próprio processo de tornar-se sujeito: “como poder exercido sobre o sujeito, a sujeição, não obstante, é um poder assumido pelo sujeito, uma suposição que constitui o instrumento do vir a ser desse sujeito” (Butler, 2019, p. 20).

Faz-se possível analisar a questão da dupla negação do desejo e a sujeição ao poder enquanto processos de formação da identidade do sujeito no romance de Musil, particularmente quando, em uma semana de dois feriados, durante a qual a maior parte dos rapazes do internato regressam às casas de seus familiares, Basini e Törless permanecem sozinhos no dormitório da instituição. Já consciente de seu desejo incontrolável pelo colega, Törless é, então, “dominado pela imperiosa consciência de ficar sozinho com Basini” (Musil, 2019, p. 96). No entanto, ele resiste, seus lábios ardendo de “desejo de falar com [Basini] e, para evitar isso, saiu da sala quase correndo” (Musil, 2019, p. 97).

Törless, ao refletir sobre o seu desejo, sente uma “involuntária repulsa”, pensando nos “pecados em que os meninos caem” (Musil, 2019, p. 98). Novamente, verificamos, pela linguagem utilizada no romance, uma condenação de ordem

religiosa da homossexualidade como ato repulsivo e pecaminoso – uma noção que é, por sua vez, incorporada pelo protagonista. Törless não apenas é “sujeitado”, sendo levado a tolher e frear seus ímpetos sexuais, mas assume a sujeição, incorporando os preceitos e percepções da sociedade de sua época.

Vendo-se incapaz de controlar seus impulsos, Törless, em uma das noites do feriado, rasteja até a cama de Basini e o acorda. O outro parece compreender suas intenções, dirigindo-se ao sótão do prédio escolar, local onde costumava encontrar Beineberg e Reiting e no qual mantinham relações sexuais. Ao chegar ao sótão, Törless se depara com o corpo nu de Basini, sendo tomado por um frêmito de excitação:

Törless recuou um passo involuntariamente. A súbita visão do corpo nu, branco como neve, atrás do qual o vermelho das paredes parecia sangue, deixava-o ofuscado e perplexo. Basini tinha um belo corpo — quase sem nenhum traço de virilidade, de uma magreza casta e esguia, como a de uma donzela. Törless sentia essa nudez incendiar seus nervos como alvas labaredas ardentes. Não conseguia evitar o poder de tamanha beleza. Até esse momento, não soubera o que era o belo. [...] Passada a primeira surpresa, Törless envergonhou-se. Ele é um homem! Essa ideia o indignava, embora sentisse que com uma jovem seria a mesma coisa (Musil, 2019, p. 99).

Há uma evidente dicotomia entre aquilo que Törless sente – a incontrolável atração pelo corpo de Basini – e aquilo que lhe é imposto como ilícito, abjeto, particularidade da qual é consciente e que, portanto, lhe desperta vergonha. O protagonista parece ter de lembrar a si mesmo – “ele é um homem!” – que o desejo que sente por outro rapaz não é natural. Devido à autocensura, Törless acaba compreendendo Basini por supostamente tê-lo compreendido mal.

Assim, os dois retornam aos seus quartos. Törless, já adormecido, acorda, em um sobressalto, ao sentir Basini ao seu lado. De início, tentando livrar-se do intruso, Törless o empurra, mas acaba cedendo à excitação:

Ainda mantinha os braços contra o corpo de Basini. Sobre eles jazia um calor úmido e pesado; os músculos afrouxavam; esqueceu-se deles... Só quando o atingiu uma palavra nova, despertou, pois de repente sentia... como algo terrível e inconcebível... que há pouco... como num sonho... suas mãos tinham puxado Basini para junto de si. Depois quis acordar, gritar para si mesmo: Basini está enganando você; só quer puxar você para a própria baixeza, para que não possa mais desprezá-lo. Mas o grito foi sufocado; nenhum som vivia na vasta casa; os escuros rios do silêncio pareciam dormir, imóveis, em todos os corredores. Ele queria voltar a si; esses rios, porém, estavam diante de todas as portas, como sentinelas negras. [...] A sensualidade que se esgueirara para dentro dele paulatinamente nos momentos de desespero despertara agora com toda a intensidade. [...] Sussurrava: na solidão tudo é permitido (Musil, 2019, p. 108-8).

Por fim, de maneira a entregar-se ao desejo sexual sem sentir que este o define, Törless recorre à seguinte formulação: “Isso *não* sou eu! *Não* sou eu! Amanhã, só amanhã, serei eu novamente” (Musil, 2019, p. 109, grifos nossos). O Eu é, assim, delimitado por aquilo que não é, pela negativa de uma outra categoria: se não sou isso, só posso ser aquilo. Há, aqui, um evidente diálogo com o que Butler (2019) e Sedgwick (1990) afirmam sobre a configuração do sujeito heterossexual através da negação do desejo sexual por outro indivíduo do mesmo gênero. Ademais, ao considerar que “na solidão tudo é permitido”, Törless se esgueira às regras, por mais “terríveis” e “inconcebíveis” que sejam os seus atos.

Conforme afirma Palmer (1997, p. 8, tradução nossa), “o reconhecimento, por parte de um indivíduo, de sua homossexualidade altera a sua percepção da realidade de forma irreversível”. Trata-se, portanto, de um reconhecimento que molda a identidade de um sujeito e que, devido ao estigma social, pode despertar medo e repulsa. Törless, em negação de seu desejo, tenta esquivar-se do rótulo que o ato sexual com Basini lhe impõe, chegando a acreditar que está sendo enganado pelo colega, que deseja puxá-lo “para a própria baixeza”. A reação e a resposta de Törless no que concerne ao seu desejo homossexual por Basini parece dialogar com a afirmação de Butler (2019, p. 32) de que “o sujeito tolhe a si mesmo, realiza sua própria sujeição, deseja e forja seus próprios grilhões, e assim se volta contra um desejo que ele sabe – ou sabia – ser seu.” Há, assim, a possibilidade de posteriormente negar o desejo, apesar de entregar-se a ele, em um movimento de assimilação das normas impostas pelos discursos de poder.

Assim como Butler (2019), Foucault (2017) defende o argumento de que o poder voltado ao sexo sempre estabelece uma relação negativa, de recusa, rejeição ou negação. Nesse sentido, o poder interdita, coage, exclui aquilo que não lhe é condizente. Posto que o poder sempre dita a lei, há uma espécie de introjeção do que é por ele disseminado – introjeção que culmina na autocensura, na abnegação: “em face de um poder, que é lei, o sujeito que é constituído como sujeito — que é ‘sujeitado’ — é aquele que obedece” (Foucault, 2017, p. 82). Levado, pelo desejo erótico, a entregar-se ao ato sexual com Basini, Törless acaba, portanto, “desobedecendo” às normas, inclusive àquelas associadas à própria instituição pedagógica e, em última instância, à sociedade na qual está inserido.

Há, ainda, outra particularidade apontada por Foucault (2017) que encontra nítida manifestação no romance: os mecanismos de dupla incitação dos discursos sobre o sexo. Por um lado, temos um prazer em exercer um poder de vigilância, de investigação; de outro, o prazer incitado justamente pela fuga a esse mesmo poder, pela tentativa de enganá-lo, de resistir a ele (Foucault, 2017).

Ora, quando Törless reflete consigo e conclui que sente prazer em ter de se esgueirar para encontrar com Bozena, uma garçonete que se encontra com os meninos do internato à noite, de flertar com aquilo que é ilícito, proibido, identificamos justamente essa mesma dupla incitação. Dada a sua posição privilegiada, o protagonista deseja – e justamente por esse comportamento lhe ser vetado – “meter-se entre as pessoas vulgares, abaixo delas – descer mais fundo do que elas” (Musil, 2019, p. 31). O mesmo se aplica aos seus outros pensamentos sobre Basini, que simultaneamente lhe causam repulsa e o excitam.

Considerações finais

Fez-se possível traçar, a partir da análise do romance de Musil, um paralelo entre noções contemporâneas de identidade e sexualidade e a representação do desejo homoerótico em *O jovem Törless*. Verificou-se, assim, que há uma recorrência do uso da preterição como recurso em referência a algo que é “indizível” – isto é, a homossexualidade e o ato sexual entre dois rapazes. Há, ademais, uma perpetuação do estigma associado à homossexualidade no romance de Musil, que se faz evidente pelo uso de expressões como “vício”, “baixeza”, “perversidade” e “pecado”. A conotação reprobatória de tais expressões, utilizadas em referência ao ato homossexual, carrega, em si, um caráter moral e religioso, próprio da época em que a obra foi escrita e publicada, e perpetua a noção de que o sujeito homossexual é uma vítima que deve ser analisada, vigiada e coibida.

A representação da busca por uma identidade por parte do protagonista perpassa a totalidade do romance. Como um indivíduo do século XX, Törless está sujeito aos discursos de poder e às normas que a sociedade lhe impõe – e, inclusive, à necessidade de ter uma identidade para si, de categorizá-la de acordo com os seus pensamentos e ações e conciliá-la com as crenças da sociedade de sua época. De modo a escapar das consequências de entregar-se ao seu desejo sexual por Basini à sua identidade, o protagonista recorre à negação da homossexualidade. Assim, os contornos de sua personalidade são delimitados pela negativa de outra, considerada, por ele, como inferior e abjeta.

Embora contenha referências homoeróticas implícitas – particularidade que, considerando o período de sua publicação, pode ser, por si só, considerada subversiva –, *O jovem Törless*, como um produto artístico de sua época, não escapa à norma no que concerne à representação da homossexualidade. O desfecho da narrativa condensa a noção de que Törless se entregara ao seu desejo por Basini por “ingenuidade”:

Enfim, no internato, Törless ainda não sabia da vida, com todos os seus graus de perversidade e devassidão, de morbidez e grotesco, e que deixam os adultos repugnados quando se fala no assunto. Todas essas inibições, cujo efeito não podemos avaliar inteiramente, faltavam a Törless, que se envolvera no vício por ingenuidade (Musil, 2019, p. 115).

Törless “chegara aos estreitos e tortuosos aposentos da sensualidade [...] não por perversão, mas devido à sua momentânea desorientação psicológica” (Musil, 2019, p. 115). A sua suposta “falha moral” é, assim, escusada.

Por fim, vê-se que as confusões do protagonista constituíram um estado passageiro, do qual facilmente se desvencilhou: “passados os problemas da juventude, Törless veio a se tornar um homem de espírito refinado e sensível” (Musil, 2019, p. 112). Depreende-se que, caso tais “problemas” não fossem momentâneos e viessem a definir sua identidade, Törless teria se tornado um outro tipo de sujeito.

Como salienta Butler (2019), o poder determina a trajetória do desejo de um sujeito. Consciente das normas impostas pela sociedade, Törless, por meio da negação do desejo homossexual, escapa ao rótulo que possivelmente viria a definir sua identidade. É isso que lhe permite, por fim, desfrutar de uma certa

“normalidade”, sem que o ato sexual com Basini delimite o seu futuro. Basini, por sua vez, conhece outro desfecho: descobertos os seus supostos “crimes”, é repetidamente humilhado por seus colegas e, por fim, expulso da instituição pedagógica, como Beineberg acertadamente previra.

Referências

BERKOWITZ, Eric. *Sex and Punishment: Four Thousand Years of Judging Desire*. Londres: The Westbourne Press, 2013.

BUTLER, Judith. *A vida psíquica do poder: Teorias da sujeição*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: A vontade de saber*. São Paulo: Paz & Terra, 2017.

GURSKI, Rose; PERRONE, Cláudia Maria. O jovem ‘sem qualidades’ e o desejo de fascismo: enlances entre psicanálise, educação e política. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 46, n. 1, e109161, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/K7wQDRFx74pRY9WTxs566tx>. Acesso em: 20 ago. 2023.

HALPERIN, David. Forgetting Foucault: Acts, Identities, and the History of Sexuality. *Representations*, Berkeley, n. 63, p. 93-120, 1998. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2902919>. Acesso em: 21 ago. 2023.

LOURAÇO, Jorge. Figuras de linguagem do indizível em “Conversas com meu pai”. *Sala Preta*, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 182-186, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/84771/91858>. Acesso em: 21 ago. 2023.

MEYERS, Jeffrey. *Homosexuality and Literature: 1890-1930*. Londres: The Athlone Press, 1977.

MONTEIRO, Loreta Russo. *Figuras de linguagem: da retórica à aula de língua portuguesa*. 2016. 151f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-10052017-142524/publico/LORETA_RUSSO_MONTEIRO_rev.pdf. Acesso em: 18 ago. 2023.

MUSIL, Robert. *O jovem Törless*. 2a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

PALMER, Craig Bernard. *The significance of homosocial desire in modern German literature*. 1997. 24f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Department of Germanic Languages & Literatures, Washington University, 1997.

QUINTALE NETO, Flávio. *Idéias estéticas e filosóficas nos romances O Ateneu, de Raul Pompéia, e Die Verwirrungen des Zöglings Törless, de Robert Musil*. 2007. 194f. Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2007. Disponível em:

https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8151/tde-09102007-140707/publico/TESE_FLAVIO_QUINTALE_NETO.pdf. Acesso em: 23 ago. 2023.

ROSENFELD, Kathrin H. Freud e Musil - ou - psicanalista contra vontade. *Pandaemonium*, São Paulo, v. 15, n. 20, p. 78-117, 2012. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pg/a/Vjpg7N7kSHIQ8gDg4GQnxbv/?lang=pt>. Acesso em: 02 de set. 2023.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. *Epistemology of the closet*. Berkeley: University of California Press, 1990.

Para citar este artigo

KONKEWICZ, Bruno dos Santos. Desejo, sexualidade e sujeição em O jovem Törless, de Robert Musil. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 13, n. 1, p. 209-222, jan.-abr. 2024.

Autoria

Bruno dos Santos Konkewicz é mestrando em Teoria da Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), na linha de concentração “Teorias Críticas da Literatura”. Licenciado em Letras – Inglês pela mesma universidade, onde também foi bolsista BPA/PUCRS de Iniciação Científica de 2020 a 2023. Tem interesse na área de Letras, com ênfase em Teoria Literária, Estudos de Gênero e Teoria Queer. E-mail: bruno.konkewicz@edu.pucrs.br; ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0004-7938-6766>.